

UM

A criança está morta. Não há mais nada para saber.

Ouçó dizer que no Sul há uma rainha que mata quem lhe traz más notícias. Por isso, quando informo da morte do rapaz, estarei a assinar a minha sentença de morte? A verdade devora mentiras como o crocodilo devora a Lua, e contudo o meu testemunho é hoje o mesmo que será amanhã. Não, não fui quem o matou. Embora possa ter desejado vê-lo morto. Possa ter suspirado por isso como um glutão suspira por carne de carneiro. Oh, retesar o arco e trespassar-lhe o negro coração, vê-lo explodir sangue negro, e espiar o momento em que os seus olhos deixam de piscar, quando olham já sem ver nada, e ouvir a sua voz definhar e o seu peito a agitar-se num estertor de morte dizendo: Olha, o meu desventurado espírito abandona este desventurado corpo, e sorrir diante dessa notícia e dançar diante dessa perda. Sim, a ideia delicia-me. Mas não, não fui eu quem o matou.

Bi oju ri enu a pamo.

Nem tudo o que o olho vê deve ser contado pela boca.

Esta cela é maior do que a anterior. Farejo o sangue seco de homens executados; ouço os fantasmas deles a gritarem ainda. O teu pão tem gorgulho, e a tua água traz o mijo de dez mais dois guardas e da cabra que eles fodem por diversão. Conto-te uma história?

Eu sou apenas um homem a quem alguns chamavam lobo. A criança está morta. Eu sei que não é esta a notícia que a velha te traz. Esse é um assassino, diz ela. Embora a única coisa que eu lamento é não a ter matado a ela. O da cabeça vermelha disse que a criança tinha a cabeça infestada de demónios. Se acreditas em demónios. Eu acredito em mau sangue. Tu tens ar de quem nunca derramou sangue. E contudo tens os dedos pegajosos de sangue. Um rapaz que circuncidaste,

uma rapariguinha demasiado pequena para o tamanho do teu... Olha como isso te excita. Olha para ti.

Eu conto-te uma história.

Começa com um Leopardo.

E uma feiticeira.

Grande inquiridor.

Sacerdote-fetiche.

Não, não vais chamar os guardas.

A minha boca pode falar de mais antes de eles a fecharem à paulada.

Olha para ti. Um homem com duzentas vacas que se deleita com um pedaço de pele de rapaz e a *koo* de uma rapariga que não devia ser mulher de homem nenhum. Porque é isso o que tu procuras, não é? Uma coisinha escura que não pode ser encontrada em trinta sacos de ouro ou duzentas vacas ou duzentas esposas. Uma coisa que perdeste — não, que te foi tirada. Essa luz, tu vê-la e quere-la — não a luz do Sol, nem a do deus do trovão no céu nocturno, mas uma luz sem mácula, a luz num rapaz que nunca conheceu mulher, numa rapariga que compraste para casar, não por precisares de uma esposa, pois tens duzentas vacas, mas uma esposa que possas rasgar e abrir, porque buscas essa luz em buracos, buracos negros, buracos húmidos, buracos cobertos de mato para a luz que os vampiros procuram, e vais tê-la, vais vesti-la de cerimónia, circuncisão para o rapaz, consumação para a rapariga, e quando eles expelem sangue e cuspido e esperma e mijão, tu deixas ficar tudo sobre a pele, para ires até à árvore da teca e usares qualquer buraco que encontrares.

A criança está morta, e como ela toda a gente.

Caminhei durante dias por entre enxames de moscas no Pântano de Sangue, e sobre pedras lacerantes em planícies de sal, dia e noite. Desci muito para sul, até Ororo, sem saber nem querer saber. Fui detido por vagabundagem, tomado por um ladrão, torturado como traidor, e quando a notícia da morte da criança chegou ao teu reino, fui preso por homicídio. Sabias que havia cinco homens na minha cela? Isso há quatro noites. O cachecol que trago era do único deles que ficou de pé. É possível que o tipo ainda volte a ver do olho direito.

Os outros quatro. Toma nota do que eu te disse.

Os velhos dizem que a noite é um idiota. Que nunca julga ninguém, mas também não avisa sobre o que possa acontecer. O primeiro atacou-me porque queria a minha cama. Acordei com o meu próprio estertor, e era um homem a apertar-me a garganta. Mais pequeno do

que um ogo, mas mais alto do que um cavalo. Cheirava como se tivesse acabado matar uma cabra. Agarrou-me pelo pescoço e ergueu-me no ar enquanto os outros se mantinham em silêncio. Tentei apartar-lhe os dedos, mas o aperto dele era demoníaco. Pontapear-lhe o peito era o mesmo que pontapear um rochedo. Susteve-me no ar como se admirasse uma pedra preciosa. Dei-lhe uma joelhada tão forte no queixo que os dentes lhe cortaram a língua. Ele deixou-me cair e eu investi como um touro contra os seus colhões. O tipo tomou, eu apanhei a faca dele, afiada como uma navalha da barba, e cortei-lhe a garganta. O segundo agarrou-me pelos braços, mas eu estava nu e escorregadio. A faca — a minha faca — espetei-lha entre as costelas e ouvi o coração dele a rebentar. O terceiro dançava com os pés e os punhos, como uma mosca noturna, a zumbir como um mosquito. Fechei a mão, depois estiquei dois dedos, como umas orelhas de coelho. Furei-lhe o olho esquerdo com um golpe rápido e puxei tudo para fora. O homem soltou um grito. Enquanto o via a berrar no chão, à procura do olho, esqueci-me dos outros dois. O gordo atrás de mim desferiu um soco, eu baixei-me, ele tropeçou e caiu, eu dei um salto, agarrei na pedra que me servia de almofada e esmaguei-lhe a cabeça até a cara dele cheirar a carne picada.

O último era um rapaz. Gritou. Estava demasiado trémulo para implorar pela sua vida. Eu disse-lhe para ser um homem na próxima existência, já que nesta era menos do que um verme, e espetei-lhe a faca no pescoço. O sangue dele chegou ao chão primeiro do que os seus joelhos. Deixei vivo o zarolho, porque nós precisamos de histórias para viver, não é assim, sacerdote? Inquiridor. Não sei como te chamar.

Mas estes homens não são dos teus. Ótimo. Não tens de cantar nenhum cântico fúnebre para as viúvas deles.

Vieste em busca duma história e eu estou inclinado a falar, o que significa que os deuses nos sorriem a ambos.

Havia um mercador na Cidade Roxa que dizia ter perdido a mulher. Ela tinha desaparecido com cinco anéis de ouro, dez mais dois pares de brincos, vinte mais duas braceletes e vinte mais nove pulseiras para os tornozelos. *Consta que tens faro para encontrar coisas que doutro modo continuariam perdidas*, disse-me ele. Eu tinha quase a idade de vinte anos e há muito fora expulso de casa do meu pai. O homem tomava-me por uma espécie de cão pisteiro, mas eu disse-lhe que era verdade, que se dizia que eu tinha faro. Ele atirou-me uma

peça de roupa interior da sua mulher. O rasto dela era tão ténue que quase não se sentia. Talvez ela soubesse que um dia viriam homens à sua procura, porque tinha choupanas em três aldeias e ninguém sabia em qual delas morava. Em cada uma dessas casas estava uma rapariga exactamente igual a ela, e que até dava pelo mesmo nome. A rapariga da terceira casa convidou-me a entrar e indicou-me um banco para me sentar. Perguntou-me se eu tinha sede, e antes de eu dizer que sim estendeu a mão para um jarro de cerveja de olombula. Deixa-me lembrar-te que os meus olhos são normais, mas que é sabido que tenho nariz. Por isso, quando ela me trouxe o jarro de cerveja eu farejei logo o veneno que ela lhe deitara. Um veneno de esposa chamado cuspidela de cobra-capelo, que perde o sabor quando se mistura com água. A mulher deu-me o jarro, eu peguei nele, agarrei-a pela mão e torci-lhe o braço por trás das costas. Depois encostei o jarro aos lábios dela e empurrei-lho por entre os dentes. As lágrimas começaram a correr-lhe pela cara e eu afastei o jarro.

Ela levou-me à sua ama, que vivia numa choupana junto ao rio. O meu marido bateu-me tanto que o meu bebé saltou fora, disse a ama. Tenho cinco anéis de ouro, dez mais dois pares de brincos, vinte mais duas braceletes e vinte mais nove pulseiras de tornozelo, que te vou oferecer, assim como uma noite na minha cama. Eu peguei em quatro pulseiras e levei a mulher para casa do marido, porque preferia o dinheiro dele às jóias dela. Depois disse-lhe para mandar a mulher da terceira choupana fazer cerveja de olombula para o seu marido.

A segunda história.

Uma noite, o meu pai chegou a casa a cheirar à mulher de um pescador. Senti nele o cheiro dela, e o da madeira de um tabuleiro de *bawo*. E também o sangue de um homem que não era o meu pai. Ele tinha jogado uma partida com um *binga*, um mestre de *bawo*, e perdido. Quando o *binga* exigiu os seus ganhos, o meu pai agarrou no tabuleiro de *bawo* e partiu-o na testa do mestre. Disse que estava numa estalagem distante para poder beber, brincar com mulheres e jogar *bawo*. O meu pai bateu no homem até ele deixar de bulir, depois saiu da taberna. Mas ele não tresandava a suor, não estava muito sujo de pó, não se sentia cerveja no seu bafo, nada. Não tinha estado numa estalagem, mas no antro de um monge opiómano.

De maneira que o meu pai chegou a casa e gritou-me para sair do celeiro onde eu estava a viver, pois nessa altura ele já me tinha expulsado de casa.

“Vem cá, filho. Senta-te aqui a jogar *bawo* comigo”, disse ele.

O tabuleiro estava no chão, com muitas bolas em falta. Demasiadas para se poder fazer uma boa partida. Mas o objectivo do meu pai não era jogar, era ganhar.

Decerto conheces a regras do *bawo*, sacerdote; se não, tenho de tas explicar. O tabuleiro tem quatro filas com oito covas cada, e cada jogador fica com duas filas. Trinta e duas sementes para cada jogador, mas nós tínhamos menos, não me lembro agora quantas. Cada jogador coloca seis sementes na cova *nyumba*, mas o meu pai colocou oito. Eu podia ter dito: Pai, estás a jogar ao estilo do Sul, com oito em vez de seis? Mas o meu pai nunca fala quando pode bater, e já me tinha batido por menos do que isto. Sempre que eu colocava uma semente ele dizia, Captura as minhas sementes e guarda-as. Mas ele estava ansioso por uma bebida e pediu vinho de palma. Quando a minha mãe lhe trouxe água, ele agarrou-a pelos cabelos, esbofeteou-a duas vezes e disse, Ao pôr-do-sol a tua pele já não se vai lembrar dessas marcas. A minha mãe nunca lhe dava o prazer de a ver chorar, portanto afastou-se e regressou com vinho. Eu tentei detectar algum cheiro a veneno, sem intenções de a denunciar. Mas enquanto batia na minha mãe, acusando-a de usar feitiços para retardar o seu próprio envelhecimento ou acelerar o dele, o meu pai desatendeu o jogo. Eu semeiei as minhas sementes, colocando duas por cova até ao fim do tabuleiro e capturei as dele. Isto não agradou ao meu pai.

“Levaste o jogo para a fase *mtaji*”, disse ele.

“Não, estamos só a começar”, disse eu.

“Como te atreves a faltar-me ao respeito? Chama-me pai quando falares comigo”, disse ele.

Eu não disse nada e bloqueei-o no tabuleiro.

Ele já não tinha sementes na sua fila de baixo e não se podia mexer.

“Fizeste batota”, disse ele. “Há mais de trinta e duas sementes no teu tabuleiro.”

“Ou estás cego do vinho, ou não sabes contar. Semeaste as tuas sementes, e eu capturei-as. Eu semeiei sementes ao longo da minha fila e construí uma muralha que tu não consegues derrubar, porque não tens sementes para isso.”

Ele deu-me um soco na boca antes de eu conseguir acabar a frase. Caí do banco e o meu pai agarrou no tabuleiro de *bawo* para me bater com ele, tal como fizera com o *binga*. Mas ele estava bêbado e mais lento, e eu tinha observado os mestres de *ngolo* a praticarem a sua